

FH promete juros a 20% em janeiro

FLÁVIA BARBOSA E
NELSON SILVEIRA*

RIO E SÃO PAULO – O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Horácio Lafer Piva, afirmou ontem ter ouvido do presidente Fernando Henrique Cardoso que a taxa de juros deve voltar, em janeiro, ao patamar de 20% em que se encontrava até agosto. O presidente teria assegurado ainda, segundo Piva, que "o governo pretende continuar com essa política de desvalorização cambial acima da inflação, com uma compensação lenta (da defasagem do câmbio), mas tudo depende da reação externa". Ou seja, o gradualismo pode ser substituído por uma desvaloriza-

ção mais rápida, mantendo-se inalterada, contudo, a política de bandas cambiais. Piva e outros empresários estiveram reunidos com o presidente e o ministro da Fazenda, Pedro Malan, domingo, em Brasília, por três horas e meia.

O governo marcou o encontro para apresentar as principais idéias do ajuste fiscal. O presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, que também estava no encontro, afirmou que alterações em impostos deverão taxar mais o consumo e não a produção. "Nos pontos apresentados, está prevista uma reforma tributária moderna, com imposto mais democrático e sem o efeito cascata", adiantou.

"A conversa acabou centrada mais na redução das despesas do que no aumento da receita, que é o que afeta a indústria", disse Piva. "Fernando Henrique não contou nenhum segredo de Estado", afirmou Roberto Bornhausen, presidente do Conselho de Administração da Unibanco Holdings, também presente. Segundo Piva, os empresários manifestaram sua preocupação em relação ao aumento da CPMF, que terá impacto enorme na cadeia produtiva. Eduardo Eugênio, porém, disse não ser contrário à proposta, desde que haja medidas compensatórias – como dedução no Imposto de Renda.

Os empresários reclamaram da taxação sobre o lucro presumido das

empresas, que pode se tornar obrigatória para as grandes empresas, segundo proposta da Receita. Piva e seus colegas expuseram ao presidente que as empresas estão com a capacidade de endividamento esgotada: "Não dá mais para trabalhar em cima de samba de uma nota só: aumento de juros e caixa", diz.

O grupo insistiu em discutir medidas compensatórias, caso este seja o quadro apresentado pelo pacote. Eles pedem redução de juros, medidas de apoio às exportações e ajuste cambial, além de adoção de mecanismo para impedir a entrada no país de produtos subfaturados.